

Uma prática pedagógica instituinte: a sala de xadrez

Por Fernanda Galvão, Nathália Monteiro e Vanessa Barcellos¹

RESUMO:

O presente artigo traz o relato de uma experiência vivida no contexto do Estágio Supervisionado III, do Curso de Pedagogia, da FFP/UERJ. O objetivo é apresentar a experiência da “sala de xadrez” desenvolvida no Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), no Município de São Gonçalo, destacando suas possibilidades e sentidos instituintes.

PALAVRAS-CHAVE: experiência instituinte – prática docente – autonomia.

Introdução

O presente artigo traz o relato de uma experiência vivida no contexto do Estágio Supervisionado III, do Curso de Pedagogia, da FFP/ UERJ. O referido Estágio focaliza a Formação de Professores e foi realizado no Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), visando à observação dos espaços e da dinâmica das aulas, o desenvolvimento de oficinas pedagógicas com os alunos, bem como a participação na pesquisa “Instituto de Educação Clélia Nanci: lugar de memórias”². O envolvimento com a pesquisa possibilitou a cada grupo de alunos/as levantar questões e desenvolver análises de temáticas definidas por cada um deles.

Localizado no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, o IECN tem, atualmente, mais de três mil alunos, cursando entre a Educação Infantil e o Ensino Médio. Nesse tradicional espaço de formação de professores uma prática se diferencia, uma prática, ainda, não-institucionalizada no interior de um sistema de ensino estadual, elaborada e coordenada por um professor de Educação Física. Um projeto em processo: a sala de xadrez. Foi esta sala que chamou a atenção de nosso grupo, quando, acompanhados pela professora de Estágio e por nossa turma, visitamos a escola. Optamos, então, por permear a experiência do Estágio pelo acompanhamento da prática educativa que se dá nesta “sala de aula”.

O objetivo deste trabalho é, portanto, apresentar esta experiência, bem como seu sentido instituinte. O que seria a prática instituinte? Segundo Bragança (2006), a prática que questiona o que está estabelecido, uma forma de afirmar o sentido e a potência de estar na profissão docente, o que expressa as palavras do professor, em nossas

conversas e entrevistas. É uma prática aberta, coletiva, que foge da unilateralidade das relações instituídas na escola. Todos ali, na sala de xadrez, constroem juntos o espaço/tempo da aula, alunos e professores, numa relação dialógica, lutando juntos, a exemplo da conquista do espaço físico que têm hoje, processo marcado por dificuldades e conflitos.

O projeto tem como título “*Esporte, conscientização, cidadania e inclusão*” e é conhecido pelos alunos como “sala de xadrez”. Algumas questões mobilizaram o grupo no desenvolvimento da pesquisa, tais como: a relação entre professor e aluno, entre escola e o projeto, a concepção de aprendizagem de alunos e do professor, as dificuldades encontradas pelo professor para colocar o projeto em prática e as suas estratégias para superá-las. Buscamos, portanto, compreender estas e outras questões por meio de observação do cotidiano da sala de xadrez, confrontando com conversas e encontros formais e informais com o professor e com os alunos e, sobretudo, com as reflexões pedagógicas que se referem às possibilidades de invenção de uma outra escola.

Partimos da convicção de que o processo de aprendizagem ocorre em diferentes contextos e a interação entre os sujeitos propicia novas aprendizagens. Assim, a sala de xadrez é um espaço escolar diferenciado de construção de conhecimento que se contrapõe ao conjunto de práticas institucionalizadas tão marcadas pelo controle sobre os indivíduos, pela vigilância, pelo silêncio. Por isso essa prática se colocou para nós como um importante espaço de pesquisa e formação.

Conhecendo a sala de xadrez

Como já mencionamos, na primeira visita ao Instituto de Educação Clélia Nanci nos deparamos com a sala de xadrez. Neste espaço a ordem do silêncio é quebrada pela liberdade de expressão, a arbitrariedade do professor cede lugar à construção coletiva entre ele e os alunos.

No dia em que conhecemos o espaço, ouvimos uma breve apresentação do projeto pelo professor Ubiracy Martins Figueiredo. O projeto foi criado por ele e há dois anos utiliza o local onde funcionava uma cantina. O ambiente é bem convidativo já que está localizado em frente à quadra de Educação Física. Isto favorece as

atividades que são realizadas como jogos de dama, xadrez, ping pong, jogos de computadores, corda, futebol, queimado, permitindo integrar os alunos participantes.

Quem pode participar? Todos os alunos que quiserem. Independente de serem alunos das turmas de Educação Física ou não. O professor tem os horários específicos em que fica responsável pelas turmas, como todos os professores, mas a sala não pertence a uma turma específica. É um entra e sai o tempo todo e foi assim que percebemos sua dinâmica: o aluno vai se quiser, joga, lê um livro, bate papo, assiste os outros jogando e pode sair quando quiser.

O professor se formou em Educação Física, justamente porque acreditava ser este um caminho pelo qual poderia exercer a prática educativa em que acreditava, já que esta, segundo ele, sempre foi vista de forma peculiar em relação às outras disciplinas, principalmente no que se refere aos parâmetros destinados a este curso que visa desenvolver.

Em nossas conversas e entrevistas, o professor destacou três dimensões da Educação Física: a psicomotricidade, a cognição e a afetividade. Em sua experiência com alunos de escolas públicas, em São Gonçalo, percebe que os estudantes já desenvolvem em outros espaços, além da escola, atividades psicomotoras, como por exemplo: brincam em um campinho próximo a casa, participam de brincadeiras de rua, assim, ele prioriza trabalhar a cognição e o afeto.

A cognição é intensificada em debates sobre assuntos diversos do cotidiano, muitos trazidos pelos próprios alunos ou alguma situação ocorrida. Outra proposta desenvolvida com esta finalidade é a questão do dia. Todos os dias o professor desafia os alunos com uma pergunta, conhecida por eles como “pergunta do dia”. Durante nossa pesquisa muitos alunos, de diferentes idades, vinham saber com o professor qual era a pergunta do dia e saíam para pesquisar. Uns iam procurar em livros, outros na internet, outros iam saber com professores. Dessa forma, as perguntas estimulam os alunos a construírem mecanismos de pesquisa, pois têm plena liberdade para buscarem as respostas. Essa prática nos remete a Paulo Freire quando afirma que “o educador não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996).

A experiência que tivemos na sala de xadrez nos fez retomar, também, os conceitos freireanos como diálogo e autonomia. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar

centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências revigorantes de liberdade. Enquanto nós educadores acharmos que podemos pensar pelo aluno e respondê-lo sempre qual é a melhor forma de agir e estar no mundo não estaremos possibilitando que eles construam e formulem suas próprias estratégias de superação das dificuldades. É importante lembrar, aqui, outra referência freireana: “A liberdade sem limites é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada”. Percebemos, na prática observada, a liberdade consciente, em que os alunos são desafiados, estimulados a pensar sobre seus atos, são chamados à responsabilidade de suas atitudes. Uma liberdade que possibilita a autoridade sem autoritarismo.

O professor é chamado de “careca” pelos alunos. Isto nos parece dizer muito sobre a relação professor-aluno existente, em que o respeito é baseado no diálogo e na quebra da verticalidade. Esse é um dos pontos nos quais percebemos que a relação entre professoraluno e aluno-aluno, neste espaço, atende ao aspecto afetivo, pois a sala de xadrez é para os alunos um lugar de ludicidade e amizade. A não obrigatoriedade de estar ali ou ter que realizar uma atividade determinada torna este espaço um lugar de prazer. Isso fica claro na fala de uma aluna do Curso Normal: “aqui é legal, a gente vem pra cá quando não tem nada para fazer”, ou seja, o fato dela estar ali se relaciona com uma escolha pessoal e autônoma do aluno.

Ao conversarmos com o professor sobre a obrigatoriedade de cumprir o currículo, ele afirmou que este também é um diferencial da Educação Física:

A educação física sempre teve a “glória” de ser uma coisa sem importância. É menos importante para o aluno saber jogar bola... Ele tem que saber História, Português, Matemática. Para mim a Educação Física foi a porta para eu entrar e fazer o que penso, tenho uma liberdade muito maior³.

A prática pedagógica pesquisada rompe com o conceito formal de aprendizagem, pois o professor acredita que independente de usar provas, livros, questionários, a aprendizagem acontece de diferentes formas. Mas, para alguns alunos, essa prática acaba causando a sensação de não estar aprendendo nada, pois já estão habituados ao modelo tradicional de escola.

Ao conversarmos com alguns de seus alunos que estavam na sala, procuramos saber o que eles aprendem ali e tivemos como retorno uma concepção diferente da apresentada pelo professor: “Ah, a gente não aprende nada, eu fico por aí”. Já o professor fala que essa sensação de não estar

ARTIGO

aprendendo nada acontece em vários momentos da nossa vida, sem nos darmos conta de quando e com quem aprendemos muitas coisas. Assim, segundo ele, também acontece com os conhecimentos que são construídos ali e que interferem na formação do indivíduo. Encontramos, nessa discussão, concepções importantes de educação e liberdade que mostram o que é ensinar e aprender para cada um deles, professor e alunos.

O jogo de xadrez foi estimulado na escola pelo professor com o objetivo de incentivar um melhor relacionamento entre os alunos. Ele começou a trazer para suas aulas de Educação Física o jogo de xadrez e aos poucos alguns alunos foram criando o hábito de se reunirem para conversar e jogar. A prática de xadrez no IECN existe regularmente desde 1992, porém o espaço utilizado hoje só foi conquistado em 2006.

Esta conquista foi resultado da luta da comunidade escolar. Alunos, pais e alguns professores se uniram com o objetivo de não permitir que a sala fosse novamente uma cantina. Alguns vídeos foram feitos com relatos de pais, alguns professores, alunos e ex-alunos, afirmando a importância do projeto. Tivemos acesso a estes vídeos e selecionamos algumas falas.

O relato de um ex-aluno do Instituto, aluno da Escola Estadual Aurelino Leal, ressalta a importância da sala de xadrez:

(...)Estudei aqui no Instituto, com o professor Ubiracy, de Educação Física, gostava muito, principalmente do projeto de xadrez, influenciou muito na minha vida, me fez crescer espiritualmente, mentalmente, como pessoa, me deu vários amigos e hoje eu to aqui pra falar que eu apoio este projeto.

No depoimento de uma professora do IECN podemos notar que os conhecimentos desenvolvidos na sala de xadrez são percebidos em outros espaços, como na sala de aula:

Eu tenho visto resultado no clube de xadrez, acho que vale a pena o meu incentivo porque o pessoal tem crescido, as crianças têm se envolvido, não só no raciocínio lógico, mas na questão também da afetividade, do companheirismo e tudo mais.

Além deste vídeo, foi organizada uma assembléia com toda a comunidade escolar e feito um abaixo-assinado para que permanecessem no espaço da sala. Atualmente, o projeto conta com a doação de alguns alunos e ex-alunos de tabuleiros de jogos, controles eletrônicos, além dos próprios recursos do professor. Há um laboratório de informática na escola, mas não fica aberto em todos os horários, isto faz com que, algumas vezes, os

computadores da sala de xadrez sejam utilizados para os alunos digitarem trabalhos escolares.

Nas palavras do professor Ubiracy encontramos sua visão sobre sentidos de ser aluno e professor:

Há um problema muito grande do professor que se acha autoridade, o detentor do conhecimento. Sabe como eu vejo? Uma criança dessa. Ele é o aprendiz, como eu sou o aprendiz.

Um termo central parece nortear a prática do projeto: respeito. Este termo aparece quando perguntamos ao professor sobre a indisciplina e brigas entre alunos. De uma forma geral, os professores acreditam que precisam manter a ordem, o silêncio para se ter respeito dos alunos. O que observamos rompe com esta verticalidade, onde quem direciona unilateralmente a prática educativa é o professor. Na sala de xadrez, professor e alunos, de diferentes turmas e idades, “dialogam”.

Percebemos, então, nessa prática uma possibilidade instituinte no cotidiano da escola por se referenciar em pressupostos que fogem daquilo que está, na maioria das vezes, consagrado na escola, por resignificar as relações de aprendizagem, atribuindo novos sentidos e novos olhares que valorizam o coletivo e a partilha, permitindo que vislumbremos uma educação em sentido emancipatório■

Notas

¹Granduandas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

²Pesquisa desenvolvida pela Professora Inês F. S. Bragança, responsável pela referida turma de Estágio Supervisionado III – 1º semestre de 2008.

³Depoimento oral do professor Ubiracy Martins Figueiredo.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Memórias e Práticas Instituintes na Escola. A Página da Educação. Portugal, p.42 - 42, 2006.